

Cazumbá



JORNAL TURÍSTICO E CULTURAL DO MARANHÃO

R\$ 7,00 • ANO XII • Nº 111 • EDIÇÃO JANEIRO 2014 • SÃO LUÍS • MARANHÃO

www.jornalcazumba.com.br • E-MAIL jcazumba@gmail.com

A pesca do peixe pedra na baía de Guaxenduba

Muita coisa mudou na antiga e bela cidade balneária de São José de Ribamar. No entanto, a pescaria do peixe pedra é uma tradição que não se findou.

Pág 10 a 12

Foto: Evandro Martin



Conheça o que há de melhor em Assessoria de Comunicação, cobertura de eventos e impressos!



Desenvolvimento de projetos em Assessoria de Comunicação, Filmagem e Edição de vídeo, editoração de livros, jornais e revistas..

(88) 31890040 / 82145279 / 88030546
jcazumba@gmail.com
www.jornalcazumba.com.br

SUMÁRIO

SUMÁRIO



Editorial

04

Curiosidades maranhenses

05

No Cerne da Questão: Quem ganha com a Lei da palmada

06

Coluna Trade em Ação

07

Entrevista: Dagoberto Silva, Gerente Geral do Hotel Luzeiros

08

São José de Ribamar: a pesca do peixe pedra na baía de Guaxenduba

10

Dona Lina Preta: mais de 100 anos de memória oral do Maranhão

13

Trabalhador da indústria de Coelho Neto venceu o 5º Festival Sesi Música

14

O universo mágico da Ilha de Lençóis

15

O Mochileiro: Curitiba, cidade ecologicamente correta

16

Maranhão ainda pode lucrar com o turismo na Copa do Mundo

17

Comunidades rurais: o rico patrimônio das comunidades tradicionais

18

Ócio, Viagens e Gastronomia: Aniversários de criança

20

EDITORIAL



2014: um ano que pode se tornar surpreendente

O ano de 2014 será um ano de muita expectativa para a economia do país. O brasileiro elegerá o presidente da república, senador, governador e deputados, federais e estaduais, e já se observa a mudança no cenário, especialmente no turismo, tanto local como nacional, onde o Maranhão atualmente gerencia o Ministério do Turismo, com Gastão Vieira, e o Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR, com Flávio Dino, como presidente desta autarquia.

No próprio Ministério do Turismo, o atual titular da pasta já anunciou que deixará o cargo para disputar uma vaga de deputado federal. Flávio Dino também segue o mesmo caminho, na disputa pelo governo do Maranhão.

Muitas movimentações já acontecem nos bastidores. O que sabemos é que o Maranhão não deve manter a cabeça destas instâncias de governo. Mas, durante o período em que esteve à frente, tanto do MTur como da EMBRATUR, o estado fez bonito e ganhou projeção e investimentos considerados importantes para melhoria de logradouros, Centro Histórico, balneabilidade da orla marítima de São Luís e financiamento de muitos outros projetos se fizeram com a participação destes ilustres maranhenses.

Sob a chancela da EMBRATUR, o destino Maranhão foi projetado nas principais feiras e eventos de turismo no exterior, capa das mais variadas publicações

do setor. Além de uma preocupação com a estratégia comercial de promoção dos nossos atrativos. A atuação de Flávio Dino é uma das mais elogiadas pelo trade turístico local e nacional, e os reflexos já podem ser notados, especialmente, numa política exclusiva para o setor.

Os reflexos e impactos desta movimentação no xadrez do turismo também se faz a nível estadual. O então Secretário de Turismo do Maranhão, o Deputado Jura Filho, vai deixar o cargo para concorrer à reeleição e em seu lugar deve assumir o então Secretário Adjunto Carlos Martins.

Porém, as mudanças não se limitam apenas a cargos políticos, mas também a dirigentes que atuam direta ou indiretamente com a indústria do turismo, onde algumas entidades elegerão seus novos dirigentes e isso deve afetar de maneira positiva o turismo maranhense.

A questão é que nas rodas de conversas sobre o turismo é consenso, o Estado perde muito com a saída do Ministro Gastão e do Presidente Flávio Dino. Fica então no ar a grande dúvida sobre o andamento e continuidade dos projetos gestados e em andamento no Estado. Será que estes terão continuidade pelos novos titulares destas pastas? Até que ponto haverá a garantia de uma continuidade por parte dos futuros governantes?

É esperar para ver....

EXPEDIENTE

Editor Responsável

Reginaldo Rodrigues
SRTE 694/MA

Administração

João Rubem Nascimento

Assistente Administrativo

Nailde Ribeiro

Executiva de Contas

Ana Kezia Nascimento

Coordenação de Jornalismo

Paula Lima - SRTE 920/MA

Estagiária

Juliana Monteiro Vieira

Fotos

Reginaldo Rodrigues / Embratur

Reportagens

Paula Lima

Juliana Monteiro Vieira

Paulo Melo Sousa

Colaboração

Antônio Noberto

Beatrice Borges

Pesquisador e Historiador

Marcos Tadeu N. da Silva

Projeto Gráfico

Wedson de Sousa

Tiragem

5 mil exemplares

Contatos p/ artigos, críticas e sugestões:

Fone Fax: (98) 3199-0040 / 8909-8347/ 8214-5279

jcazumba@jornalcazumba.com.br

reginaldorodrigues2010@hotmail.com

End.: Av Daniel de La Touche, 1001, sala 106, Ed. Elaine, Coama, CEP: 65074-115.

Valor da assinatura anual R\$ 87,00

O jornal Cazumbá não se responsabiliza por textos assinados, assim como pela opinião do leitor.



Lendas do Maranhão

A Lenda do Pai Lobisomem

Na Região dos Lagos e Campos Floridos do Maranhão, em um povoado bem distante da sede de um município, e às margens de um riacho. Um casal de primos apaixonados, que sem o consentimento e as bênçãos da família, resolvem fugir para morarem juntos. O sonho da jovem era ter um filho com seu amado. Passados sete anos de casados, e depois de tantas tentativas e promessas, e como tinha por hábito banhar juntos no riacho em frente à casa deles todas as noites antes de dormir. Após fazerem amor embaixo de um Ingazeiro, numa noite de lua cheia. A jovem assegurou ao marido que desta vez engravidara. E para realizar o desejo do marido, dar-lhe-ia um filho homem. Pois quando o mesmo crescesse, ajudaria nos afazeres do sítio. Vez por outra, após a jovem grávida adormecer, o marido saía de casa com a desculpa de dar uma volta pelo sítio, para ver se tudo estava bem pelas redondezas. Para proteção da sua família. Passados sete meses de gravidez, e após acordar transpirando muito de um pesadelo, em uma noite de lua cheia. A jovem chama pelo marido que não responde e também não estava em casa. Mesmo assustada, ela resolve ir sozinha tomar banho no riacho. Ao aproximar-se do local, vê um vulto parecido com um grande cachorro peludo, sentado embaixo do Ingazeiro. Ela então se assusta e começa a gritar e chamar pelo marido, e retorna correndo para casa. Ao chegar a casa, encontra o marido que já havia retornado, que a pergunta por onde andava. Ela assustada e ofegante, conta-lhe o que aconteceu e desmaia. Desesperado e sem saber o que fazer. O marido a leva para a beira do riacho para dar-lhe um banho, e quando a mesma recupera o sentido, entra em trabalho de parto. Após muita luta e sofrimento, a jovem dá a luz a um belo e saudável menino. Em lágrimas de dor e risos de felicidade, ela fala ao marido que cumpriu sua promessa. E pede a ele que cuide do filho como se fosse ela, e horas após o parto, a jovem vem a falecer. Com muito sacrifício e o pai solitário

cria o filho, tentando o proteger de tudo e de todos. Aos 17 anos de idade, seu filho conhece nas proximidades, uma jovem por quem se apaixona. E começa a namorar as escondidas do pai que era muito ciumento. Certa noite, quando ia para a casa da namorada, depara-se com um animal estranho em forma de um grande cachorro peludo. Assustado e com medo, ele retorna para casa. Conta o acontecido ao seu pai, que lhe pede que deixe essa menina pra lá. Pois não gostaria de dividir o filho com nenhuma mulher. O filho resolve então comprar uma peixeira e a afia dos dois lados. E conta ao pai que naquela noite iria visitar sua namorada. Ao final da tarde, ele arruma-se, monta em seu cavalo, põe a faca na cintura e parte em direção a casa dela. Seu pai chateado com a história sai de casa mais cedo, para tomar umas pingas. No caminho, em um trecho de mata bem escura. O Cachorro peludo reaparece para o jovem, tentando assusta-lo. Ele desce do cavalo, e trava uma luta com o estranho animal. Mesmo ferido, ele consegue atingir o Bicho feroz com um golpe de faca abaixo do peito. Emitindo um barulho estranho, o animal ferido e sangrando, entra na mata e desaparece. O jovem então volta para casa, limpa seus ferimentos, e não encontrando seu pai em casa, deita-se e pega no sono. Quando o dia amanhece, o corajoso jovem retorna ao local da luta, e segue o rastro de sangue deixado pelo cachorro peludo. E após um longo trecho de caminhada pela mata, ele depara-se o animal morto, metade cachorro peludo, metade homem. E reconhece a face de seu pai. Mesmo chorando muito e arrependido, ele coloca o pai lobisomem em cima do cavalo, e o traz para casa, e o enterra ao lado de sua mãe. Sete dias depois, ele incendeia a casa em que moravam, e parte em rumo desconhecido. Dizem que nas noites de lua cheia, o tal lobisomem é visto embaixo do ingazeiro, em cima da cova de sua amada.....

Por Edson Duarte

Cazumbá Poético

Âmago

Tenho medo de um dia perder o amor
Porque nele carregou
Todo o peso das minhas experiências.
Tenho medo de acordar sozinho
E não ter ninguém para me desejar um bom dia.

Não tenho medo da roda gigante,
Mas sim das voltas incansáveis que ela dá
E estar sempre com gente diferente.
Tenho medo de não gravar meu nome
Na história por não ter o que contar.
Será que hão de lembrar do que já fiz,
Mesmo não sendo tão importante assim?
Não tenho medo de andar a cavalo,
Mas sim do contato com o chão
Numa provável queda.

Tenho medo de um dia ficar acuado.
Tenho medo de um dia não suportar meu fardo.
Tenho um terrível medo de subir uma montanha
Não por medo de cair,
Mas sim da sensação de estar no topo.

Tenho medo de um dia abandonar tudo
Por medo de não conseguir avançar
E até mesmo do que pode acontecer
Após o passo seguinte.

Já não tenho medo das dúvidas,
Mas sim das respostas.
Vou confessando meus medos
E assim vou vencendo.

Marcos Fernandes



PROCARDIO
Ao lado da vida

Urgência e Emergência
Hospital do Coração

Rua do Apicum, 115 - Centro
Telefone: 98 - 2108 7000

Urgência e Emergência
Rua do Norte S/N
Telefone: 98 - 2108 7070



NO CERNE DA QUESTÃO

Por Antonio Noberto

*Turismólogo, escritor, sócio-efetivo do IHGM e sócio fundador da Academia Ludovicense de Letras – ALL.

Quem ganha com a lei da palmada

Tramita desde 2010 na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei 7.672/10, conhecido como “Lei da palmada”. O Projeto, de autoria do executivo, já gerou acaloradas discussões no plenário da Câmara, pois se por um lado busca o reconhecimento e a garantia dos direitos humanos de crianças e adolescentes, além de educar as pessoas para que resolvam os seus problemas através do diálogo e da compreensão mútuas, e não por meio de agressões físicas e/ou humilhações; por outro, rejeita a intervenção do Estado em assuntos privados, como a educação de crianças em casa, vez que a lei não só punirá agressões extremamente violentas, mas impedirá aos pais a aplicação de qualquer punição, tornando a criança intocável, com punição de 1 a 4 anos de prisão aos pais e a perda do poder familiar. Ninguém duvida da boa intenção daqueles que a defendem. Dos estudiosos que se debruçaram sobre a matéria para apresentar bons argumentos para a PL que, em tese, permite uma sociedade melhor e mais humana. Mas como diziam nossos avós: “toda moeda tem dois lados”.

Desde o último salto de época – o início da sociedade pós-industrial, ocorrida por volta de 1950 – um dos aspectos da nova sociedade tem sido a “migração da fé dos pais para os amigos”. A saída da mulher do lar para o mercado de trabalho (aliado a outros fatores), deixou os filhos e a família em vulnerabilidade, o que resultou na explosão da violência em todo o mundo. Na verdade, não é demais lembrar que a grande influência do capital vem desde a última revolução burguesa, iniciada em 1789. De lá para cá vem ditando os rumos que o mundo deve seguir de acordo com a sua conveniência. No início do século dezenove, desembarcada do assédio de Napoleão Bonaparte, a Inglaterra iniciou uma incansável luta para estabelecer o direito internacional que proibia o tráfico de escravos. A Lei Bill Aberdeen, que autorizava o aprisionamento de qualquer navio suspeito de tráfico de escravos, foi uma das principais ferramentas. A nobre missão inglesa humanista e libertadora, como muitos sabem, tinha por trás o interesse capitalista de criar mercado consumidor com mão-de-obra livre e assalariada para o nascente capitalismo industrial inglês. Nas últimas décadas temos visto outras várias tentativas de se fazer o mesmo tipo de “justiça”. O sonho de consumo de muitas potências é destronar as ditaduras, especialmente aquelas instaladas em países muçulmanos. Isto é, nada mais, nada menos que o ócio criativo das grandes potências: enquanto semeiam o bem, destronam as ditaduras, promovem a liberdade, lucram muito com isso ao aumentar sua influência política e abrir mercado às suas empresas com seus produtos e, enfim, alcançam condição

superavitária em suas contas. Nada disso seria ruim se esse heroísmo das grandes potências fosse real e desinteressado, mas a história mostra que ação ocidental varia ao sabor dos interesses do momento. Se for preciso apoiar e até mesmo gestar uma ditadura em um país que não está muito alinhado aos interesses imediatos, não tenha dúvida que o farão. Para isso o primeiro passo é o uso dos meios de comunicação e de uma produção cultural bem delineada.

Foi assim no pós ditadura. As músicas revolucionárias, impulsionadas pelo Festival de 1967 no Brasil e por Woodstock (1969) em Nova York, EUA, incitavam à rebeldia e convocavam à luta contra os excessos do estado autoritário. A partir de então, no Brasil, fizeram sucesso Caetano Veloso, Roberto Carlos, Chico Buarque, Raul Seixas, Gilberto Gil, Rita Lee, Geraldo Vandré, Leci Brandão, Elis Regina e tantos outros. As músicas traziam nas entrelinhas o descontentamento com a ditadura e o espírito revolucionário. Na Jovem Guarda e na Tropicália, movimentos culturais da época, não eram raras as músicas que usavam. A simples guitarra elétrica já era símbolo de rebeldia contra o sistema. Passado esse período, o marketing político-empresarial tratou de prover novos rumos à juventude e à sociedade. Houve um investimento massificado indistigável nas músicas vazias, sem letra, sem mensagem, que servem apenas para a diversão sem uma causa político-social. Músicas que empobrecem a alma e o espírito, música que “saiu da boca e foi para a bunda”. Surgiu o reino do rebolado, do axé, do swing, sem letra objetiva e sem apelo de mudança. Era o ópio que acalmava a massa em ebulição!

Voltemos à Lei... A Juíza Luziene Barbosa Lima, da 6ª Vara Criminal de Belo Horizonte, em entrevista concedida a um jornal sediado na capital mineira, considera inócua a proposta da lei. Para ela, a nova lei invade a liberdade de um pai corrigir seus filhos dentro dos princípios constitucionais. “Não vejo mal algum em aplicar palmadinhas e, sobretudo o diálogo para impor limites. O que é inadmissível são agressões físicas extremas”, disse, considerando que é comum no Brasil formular leis sem analisar o aspecto cultural da educação da família. Corroborando com a tese, um amigo ludovicense formado em direito acha estranho que “o estado que usa tropa de choque para resolver casos extremos de manifestações, bloqueios de vias públicas e outros distúrbios que o diálogo não resolve”, seja refratário a qualquer ação mais efetiva dos pais, quando necessário. Outro problema ou descompasso que a Lei da palmada pode trazer é quanto a responsabilização dos pais pelos atos dos filhos. Se os pais, pela interferência do estado, não puderam educar os filhos à sua maneira, como o mesmo estado poderá responsabilizar os pais quando os

jovens cometerem excessos? Quem indenizará eventuais prejuízos provocados pelos jovens: o pai ou o estado? Caso a lei seja aprovada restará aos pais obedecerem à ditadura midiática disfarçada e adequarem-se a uma cultura que não raro sempre foram contra e se tornarem escravos da manipulação político-capitalista, que vem por cima através da mídia, do marketing, da produção cinematográfica, etc. Felizmente, indiferente a estas manobras, o Brasil não aceita tão grande interferência. Ao menos é o que se pode observar de recente manifestação, quando a Central de Comunicação Interativa da Coordenação de Participação Popular da Câmara dos Deputados recebeu de 1º de julho a 12 de agosto de 2013, um total de 618 manifestações sobre o projeto: 93,9% (580) se disseram contrários à proposta. Apenas 6,1% (38) se manifestaram a favor.

A Lei da palmada é uma tentativa de interferência do estado no direito individual. Mais uma forma de diminuir a influência dos pais e da família na vida dos filhos, deixando o caminho ainda mais livre para a influência do marketing das empresas sobre as pessoas. As ditaduras islâmicas e influência dos pais sobre os filhos estão entre os últimos empecilhos ao capitalismo moderno (ou selvagem?): marcado pela quebra de barreiras e pelo consumo em massa, não raro de inutilidades. Caso seja aprovada restará aos pais adequarem-se a esta nova ditadura do marketing, bem mais difícil de ser derrubada, se comparada à islâmica.

O amor, o carinho, o diálogo e a compreensão são as maiores ferramentas na educação familiar, mas é inegável o valor de uma censura mais efetiva aos excessos dos filhos, que é um preceito histórico, milenar. É a afirmação do que diziam nossos avós: “É do pequeno que se faz o grande” e “Não crie cobra para morder vocês”. A par de tudo isso, só nos resta substituir a velha indagação: “que mundo vamos legar aos nossos filhos?” por uma mais em voga: “Que filhos vamos deixar para este mundo?”. Falando nisto... O planeta terra, segundo a teoria evolucionista, tem quase cinco bilhões de anos e o homem está hospedado nele a apenas um milhão, mas nenhum outro ser vivo infligiu mais castigo e destruição à terra que o ser humano. Os dinossauros viveram centenas de milhões de anos e nós que chegamos ontem já fizemos muito pior que eles.

Erra quem renuncia a sua autoridade!

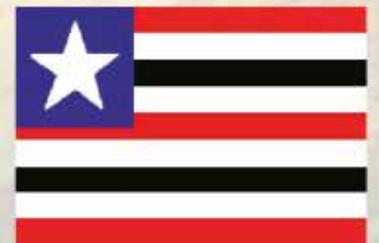
A gente se vê!



Cartório do 2º Ofício de Notas

Tabelião: Dr. Celso Coutinho
Substitutos: Dr. José Maria Pinheiro Meireles e Gerson N. Coutinho

Com uma estrutura ágil e moderna para oferecer a você o melhor em serviços e plena segurança jurídica, escrituras, procurações, testamentos, reconhecimentos de firmas, autenticações, inventário, partilha, separação, divórcio e restabelecimento de sociedade conjugal



Rua da Direita, 402 - Centro • Tel: (98) 3232-8699 • 3221-2419 • Fax: (98) 3232-1810 - São Luís/MA



TRADE em AÇÃO

Por Paula Lima - Jornalista e especialista em Assessoria de Comunicação
paulasilimas@gmail.com / www.paulasilimas.blogspot.com

IV Prêmio Carpe Diem sucesso absoluto!

A quarta edição do Prêmio Carpe Diem 2013, promovido pelo o colunista social e jornalista William Santos, tem como foco principal pelo o Reconhecimento, pela responsabilidade social, cultural e promoção de serviços prestados para sociedade civil de São Luís. Este ano o prêmio reconheceu empresários, imprensa, advogados, médicos, socialites, artistas, políticos, personalidades, empresas de sucesso que contribuíram para o desenvolvimento da nossa capital. O evento aconteceu no dia 10 de Dezembro nos salões nobres do Residencial Recepções.



Luzianna Bezerra (representando o Jornal Cazumbá) e William Santos



Rejanny Braga e William Santos



Ivaldo Rodrigues e William Santos



Marcos Davi e William Santos



Equipe Milenarte



Madalena Nobre com o casal Guga Fernandes e Pires de Castro



Marcos Davi com os jornalistas Reginaldo Rodrigues e Paula Lima



Marcos Davi rodeado por Ricardo Guterres e Liviomar Macatrão

10 anos Mundo Passaporte

O Programa Mundo Passaporte completou 10 anos. E para comemorar essa importante data o apresentador e idealizador do Programa, Marcos Davi Carvalho realizou feijoada no Hotel Luzeiros, onde recebeu amigos, imprensa, parceiros e convidados especiais.

ENTREVISTA

DAGOBERTO SILVA
Hotel Luzeiros

Homem de negócios, empreendedor, ousado. Para o Diretor de Operações da Rede de Hotéis Luzeiros, Dagoberto Silva, determinação, disciplina e atitude são ferramentas imprescindíveis no alcance do êxito em qualquer negócio.

Jornal Cazumbá - O Senhor está aqui a cerca de dois anos. Qual a sua opinião sobre a capital maranhense e em especial sobre a hotelaria de São Luís?

Dagoberto Silva – Esses dois anos foram de muito aprendizado. É uma capital que vem crescendo fortemente na área do turismo, especialmente no que tange a negócios. Novas empresas chegando à cidade, chegando ao Estado. E isso tem modificado muito o clima de negócios. A hotelaria passa por um processo de renovação. O próprio Hotel Luzeiros é um produto, ainda, novo, com somente quatro anos, entrando, então, num momento de sedimentação de negócios. Outros produtos que já estão no mercado há mais tempo necessitam de renovação para que possam seguir sendo competitivos. É notório que hoje, o mercado está dividido entre produtos novos e aqueles que carecem de renovação.

Jornal Cazumbá - O Senhor veio de grandes centros urbanos, trabalhou em outros hotéis de bandeira internacional, como vê o setor de turismo voltado para eventos? Pode ser um grande gerador de negócios para o Estado?

Dagoberto Silva – A hotelaria do Estado vive basicamente, cerca de 90%, de negócios. O turismo de lazer aqui é muito pequeno. Isso porque o trabalho de imagem lá fora também é muito pequeno. Eu costumo dizer de uma maneira muito carinhosa que o Maranhão não merece a fama que tem, porque é muito melhor do que se fala a respeito dele. Eu, hoje, vivendo aqui me considero muito mais maranhense do que muitos que são nativos. Quando viajo a negócios, a primeira coisa que faço é promover o Maranhão, que venham negócios para o bem do Estado. Os grandes eventos obviamente trazem volumes de negócios e essa é a grande contribuição que podemos trazer para cá. O Luzeiros é um equipamento que está apto a receber grandes eventos. Então, é disso que a cidade carece e essa é uma deficiência que o setor hoteleiro tem. Ele não é unido, não trabalha em conjunto, cada um busca os seus próprios negócios. E esse é um erro sério. Eu tenho tentado, na medida do possível, conversar com meus colegas e mostrar que esse é um caminho que a maioria das grandes cidades trilha para obter o sucesso. Creio que é assim que vamos melhorar.

Jornal Cazumbá - O Hotel Luzeiros criou um novo modelo de hotelaria na cidade, com taxas de ocupação acima da média local que os demais concorrentes dificilmente acompanharão. Qual o segredo desse sucesso?

Dagoberto Silva – Na verdade, não há segredo. Trabalhamos muito e estamos sempre atentos ao mercado, buscar sempre todas as formas que temos de vender (mercado eletrônico, facebook, etc.), buscar o mercado de eventos, que tem crescido muito, buscar parcerias importantes, como grandes operadoras, grandes canais de distribuição e não ficar restrito apenas à comunidade local. Tem que sair e mostrar a cara. E onde houver uma pessoa que tenha interesse em vir para o Maranhão nós temos que estar lá para trazê-la. E outra coisa muito importante é investir em mídia. Quem não é visto não aparece. Lembrando sempre que o nosso propósito é enfatizar o Maranhão e não focar no Hotel Luzeiros, porque ninguém virá fazer o turismo aqui por causa do Hotel e sim por causa da cultura, Centro Histórico, Lençóis Maranhenses, porque tem um povo agradável.

Jornal Cazumbá - Muitos hoteleiros reclamam da falta de mão de obra qualificada e isso, com certeza, é um entrave para os negócios. O Luzeiros



passou ou passa por essa problemática? Como solucionar?

Dagoberto Silva – Essa questão da mão de obra não é um problema do Maranhão, mas do mundo inteiro. Todas as empresas que não tem como foco o ser humano reclamam desse problema. Nosso fator de sucesso, de desempenho é o ser humano. Então, nós investimos nas pessoas, capacitamos, buscamos sempre contratar pessoas que tenham atitude positiva, comportamento adequado. E a parte técnica é nossa responsabilidade. E isso tem dado um retorno bastante positivo para nós.

Jornal Cazumbá - Hoje está em alta a questão da sustentabilidade, o que é essencial para um negócio. Uma empresa autossustentável gera resultados, gera lucros. Como o hotel trabalha essa questão?

Dagoberto Silva – O tema sustentabilidade, responsabilidade social está na moda. Mas, para nós é um tema que faz parte do nosso planejamento estratégico. Nenhuma empresa pode ter sucesso em uma comunidade falida, que não cuida bem das suas praias, do seu esgoto, da água, do meio ambiente. Então, é nossa responsabilidade cuidar de tudo isso. Sustentabilidade começa dentro de casa. Nossa empresa para ser sustentável precisa respeitar as leis locais, o seu pessoal, a sua comunidade, o meio ambiente, trabalhar em conjunto. O Luzeiros trabalha fortemente nesse sentido. De tratar bem o lixo, resíduos, de separar, de reciclar, do todo. Isso é necessário para que a galinha dos ovos de ouro não seja eliminada por nós mesmos. O Hotel trabalha esse tema com muita responsabilidade, com uma parceria muito forte com o ICE (Instituto de Cidadania Empresarial). Queremos sempre estar atentos as novas tendências, as novas tecnologias do mercado para implantarmos aqui.

Jornal Cazumbá - O senhor falou que tem um trabalho grande em relação a sustentabilidade. Como a água utilizada no empreendimento é reutilizada? É devolvida ao meio ambiente?

Dagoberto Silva – Toda a nossa água utilizada é canalizada, não é jogada a céu aberto. Ela é pura, é tratada. Por exemplo, temos um reservatório de água especialmente para coletar água de chuva e esta, por sua vez, é utilizada em todo processo de descargas de banheiros, por exemplo. Então, existe uma preocupação muito grande de reaproveitamento da água e a forma como ela é devolvida ao meio ambiente. Temos uma adequada descarga dessa

água no meio ambiente.

Jornal Cazumbá - Como o Hotel Luzeiros se mantém e o que influi na boa taxa de ocupação?

Dagoberto Silva – A taxa de ocupação é diretamente ligada a qualidade dos serviços. Nós nos preocupamos muito em oferecer para os clientes aquilo que prometemos, construir um hotel bonito não é difícil, os bancos financiam. Mas, fazer um hotel de qualidade é muito difícil, porque depende diretamente do pessoal. Hoje, cada cliente que sai do Luzeiros quando ele deixa o Hotel, paga a sua conta e vai embora pretendemos que ele seja um grande propagandista. Queremos que ele diga que a experiência dele no Hotel foi satisfatória, agradável, que ele pretende voltar e recomende. Passam por aqui uma média de 7 a 8 mil hóspedes, por mês, e a grande maioria sai daqui muito satisfeita. Esses clientes tem sido para nós o fator do sucesso, do nosso desempenho.

Jornal Cazumbá - E sobre o Hotel ser referência quando se trata de eventos, tanto que foi premiado recentemente pelo Prêmio Cazumbá de Turismo, na categoria Melhor Meio de Hospedagem para Negócios e Eventos.

Dagoberto Silva – Em primeiro lugar, a premiação nos dá muito orgulho e agradecemos a quem votou no Hotel Luzeiros nessa categoria. E isso nos dá muito mais responsabilidade no futuro. Mas, isso tem sido fruto de muito trabalho, de entregar para o cliente aquele produto e serviço que prometemos no momento da venda, porque vender não é difícil, difícil mesmo é entregar o produto prometido. E no negócio da hotelaria, especialmente em eventos, o cliente quando ele programa um evento, quando ele trabalha junto ao hotel, a expectativa dele é muito grande. Então, é nosso papel conhecer saber muito bem o que ele espera desse acontecimento para podermos gerar todo o serviço necessário para atender a essa expectativa. Eu acho que essa tem sido a nossa felicidade, o nosso compromisso e o nosso grande trabalho. Também muita humildade em aceitar os erros que cometemos, nem tudo é uma maravilha, como parece ser do lado de fora. A cada evento que realizamos imediatamente fazemos uma reunião de avaliação e procuramos verificar onde temos que melhorar e esse é um trabalho de melhoria contínua. O cliente tem que sair daqui sorridente e dizendo que quer voltar. Essa é a nossa meta 24 horas por dia. E isso só se consegue com uma equipe de trabalho altamente motivada e comprometida. É o que nós oferecemos.

Jornal Cazumbá - E como se deu a escolha do formato do Hotel, dessa arquitetura, que, inclusive, chegou a ganhar em 2011 o Prêmio de Hotel Design atribuído pela Revista Brasil Travel News?

Dagoberto Silva – Quando o senhor José Hugo Machado (fundador e presidente do grupo de hotéis Luzeiros) resolveu investir no setor hoteleiro, sendo um homem visionário, ele buscou entrar num segmento que a hotelaria explora muito pouco no Nordeste, o segmento design, ou seja, produtos arrojados, com peças únicas, detalhes, valorizando um público que busca diferenciação. Então, ele buscou a arquiteta Janete Costa, já falecida, mas que fez trabalhos maravilhosos na hotelaria brasileira, sempre com produtos inovadores. Quando veio para São Luís ela buscou algo novo, um produto fisicamente que se destacasse no mercado por muitos anos. Mas, insisto que tudo isso, de maneira isolada, não seria suficiente para fazer desse Hotel um produto com o êxito que é. Essa concepção do produto mais o serviço, que é diretamente pessoal, essa conjunção

DAGOBERTO SILVA

Hotel Luzeiros

de fatores leva aos resultados que temos hoje.

Jornal Cazumbá - O Hotel Luzeiros com todo esse trabalho e essa representatividade é parceiro da cidade? Do trade? Do Governo?

Dagoberto Silva – Nós estamos sempre ao lado das boas iniciativas, que visam trazer mais negócios para a cidade e o Estado. Há mais de dois anos, por exemplo, trabalhamos em uma parceria excelente com a Secretaria Estadual de Turismo, por meio do secretário Jura Filho. Todas as ações que a secretaria toma e necessita do apoio do Luzeiros, seja oferecendo o espaço para um evento, hospedagem, nós estamos à disposição. Disposição essa dada à Secretaria de Turismo de São Luís, onde o secretário Lula Fylho também tem a nossa parceria. Não deixando de citar aqui a imprensa, que é nossa grande aliada, nosso olho, nosso ouvido na comunidade, então sempre queremos tê-la dentro do nosso equipamento. Estamos tendo uma aproximação muito saudável e positiva com São Luís Convention & Visitors Bureau e trade. Nós sabemos da importância de todos esses organismos para atrair negócios para a cidade e estamos dispostos a apoiar em toda iniciativa que for necessária.

Jornal Cazumbá - O setor turístico, a sua visão, é uma aposta segura? É realmente um desenvolvedor da economia local?

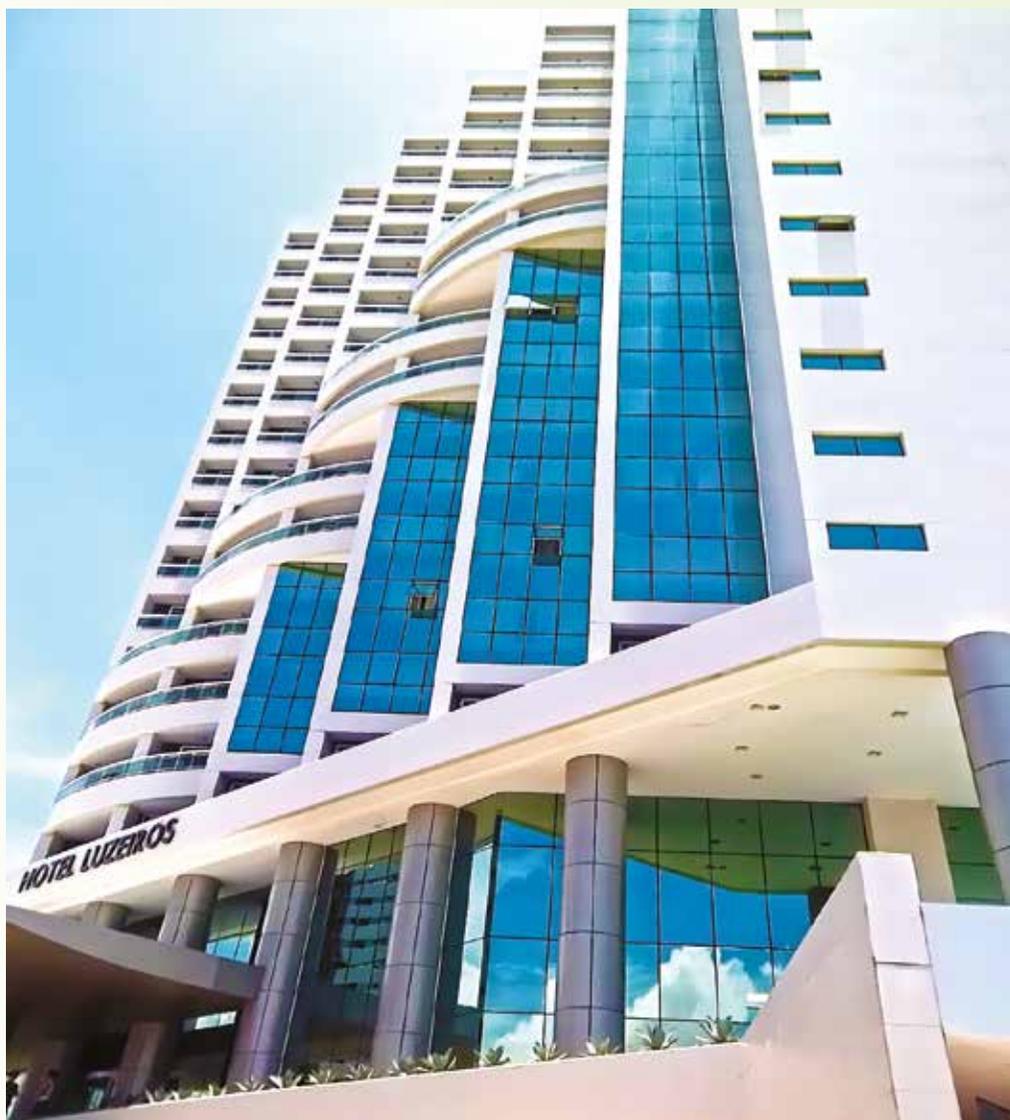
Dagoberto Silva – Sem dúvida alguma. O turismo mundialmente é um grande gerador de empregos, da máquina econômica, de impostos. Cada turista que entra na cidade, seja por terra, por ar ou mar, já está gerando negócios para uma variedade de setores. Isso é turismo. Quem sabe como essa máquina funciona, obviamente vai se beneficiar: os shoppings centers, restaurantes, barracas de praia, taxistas, etc... todos são beneficiários do turismo, seja ele de lazer ou de negócios. Mas, precisa haver mais parcerias, trabalho de equipe, que todos visem, num primeiro momento, trazer negócios para o Estado e depois cada um com a sua competência, com o seu produto, naturalmente absorva a parcela que o cliente acha justa em lhe dar. Mais uma vez insisto, não basta só um hotel bonito e agradável, é preciso ter serviço. Tudo gira em torno de um conjunto.

Jornal Cazumbá - E qual seria o maior entrave para que essa atividade, principalmente no setor hotelaria, evolua de uma vez por todas no Estado?

Dagoberto Silva – Eu acredito fortemente no poder da mídia e tenho certeza que ela passa a exercer um papel mais positivo na cabeça das pessoas que pretendem vir ao Maranhão. Essa é uma terra linda. Mas, temos que vendê-la melhor. E um entrave muito grande que vejo são as companhias aéreas. Elas não tratam a cidade, o Estado com o respeito que merecem. Temos poucos voos e uma dificuldade enorme de chegar e sair do Estado, passagens aéreas são caríssimas. É necessário fazer um esforço conjunto, iniciativa privada mais pública (governo estadual e municipal), para que essa cadeia, esse entrave seja quebrado. Precisamos de mais mobilidade, de mais voos. As companhias aéreas precisam ter uma visão diferente, pois são muito imediatistas querem ganhar o tempo todo. Eu costumo dizer que se nós da hotelaria tratássemos nosso cliente da maneira que essas companhias tratam os passageiros, todos os hoteleiros estariam quebrados. Esse é um problema muito sério, porque elas não tem visão estratégica voltada para o turismo, somente de negócios e de resultados financeiros em curto prazo.

Jornal Cazumbá - 2014 se apresenta como um ano difícil para a economia como um todo. É um ano eleitoral, temos a Copa do Mundo, na qual o Maranhão vai somente assistir. O Luzeiros de alguma maneira já entrou em campo para atrair parte desse público que virá para esse evento esportivo?

Dagoberto Silva – Eu já estudei e analisei todas as



Fotos: Divulgação

possibilidades de trazer negócios na Copa do Mundo para a capital, mas, infelizmente, tudo esbarra na questão do transporte, uma vez que as passagens aéreas estão absurdamente caras, chegam ao ponto de ser um assalto. Obviamente isso não facilitará a vida de nenhum viajante em se deslocar de uma cidade sede para vir visitar o Maranhão. Difícilmente algum turista vai tirar esse proveito. Pode acontecer? Pode. Mas, é pouco provável. Creio que nós não seremos beneficiados pelo efeito Copa do Mundo. 2014 será um ano difícil sim, com Carnaval no mês de março. Sabemos que o ano inicia só após o Carnaval. Depois temos março, abril e maio e vem a Copa, que mesmo não acontecendo aqui interrompe muito trabalho, muitos negócios. E logo após esse evento esportivo vem as Eleições. Será um ano de atividade econômica ativa de apenas seis meses. Muito difícil. O que fazer nesse momento? Administrar muito bem os seus custos. É necessário fazer uma gestão de custos muito adequada e mostrar a cara ao mercado e fazer um esforço conjunto para trazer mais negócios para cá.

Jornal Cazumbá - O Luzeiros tem novidades para esse ano?

Dagoberto Silva – Sim. Estamos iniciando a construção do Hotel Luzeiros em Recife/PE. O projeto já foi aprovado. E já iniciamos a fundação e preparação do terreno. Um projeto previsto para dois anos e meio. Mas, se tudo correr como o planejado o empreendimento será entregue no final de 2016, com 200 apartamentos, estrategicamente localizado. Temos certeza que será mais um grande hotel com a marca Luzeiros.

Saiba mais sobre Dagoberto Silva

O Diretor de Operações da Rede de Hotéis Luzeiros já atua na hotelaria há 35 anos. Trabalhou com grandes redes hoteleiras instaladas no Brasil, como Sheraton. Tem experiência também fora do Brasil. Esteve na América Central por cinco anos. E viajou boa parte do mundo trabalhando nessa área. Além disso, é professor universitário há mais de 20 anos. Atualmente, exerce essa função na Faculdade Armando Álvares Penteado - FAAP (SP), no curso de Turismo e Hotelaria. Um profissional dedicado e que ama o que faz e, acima de tudo, acredita muito no fator humano. "Eu acredito nas pessoas, que o mundo só mudará por meio das pessoas e através da educação. Por isso, sou um visionário, que invisto muito nisso. Não somente dinheiro, mas no meu tempo. Eu gosto de transmitir para as pessoas o conhecimento que adquiri durante todos esses anos. Esse sou eu, um apaixonado, um aficcionado pelo ser humano", afirma Dagoberto.

Hotel Luzeiros São Luís

243 apartamentos

Áreas de eventos (16 salas de reunião nos mais variados tamanhos, desde 8 pessoas até 2 mil)

Dois restaurantes

Piscina estrategicamente localiza de frente para o mar, com uma linda jacuzzi (hidromassagem)

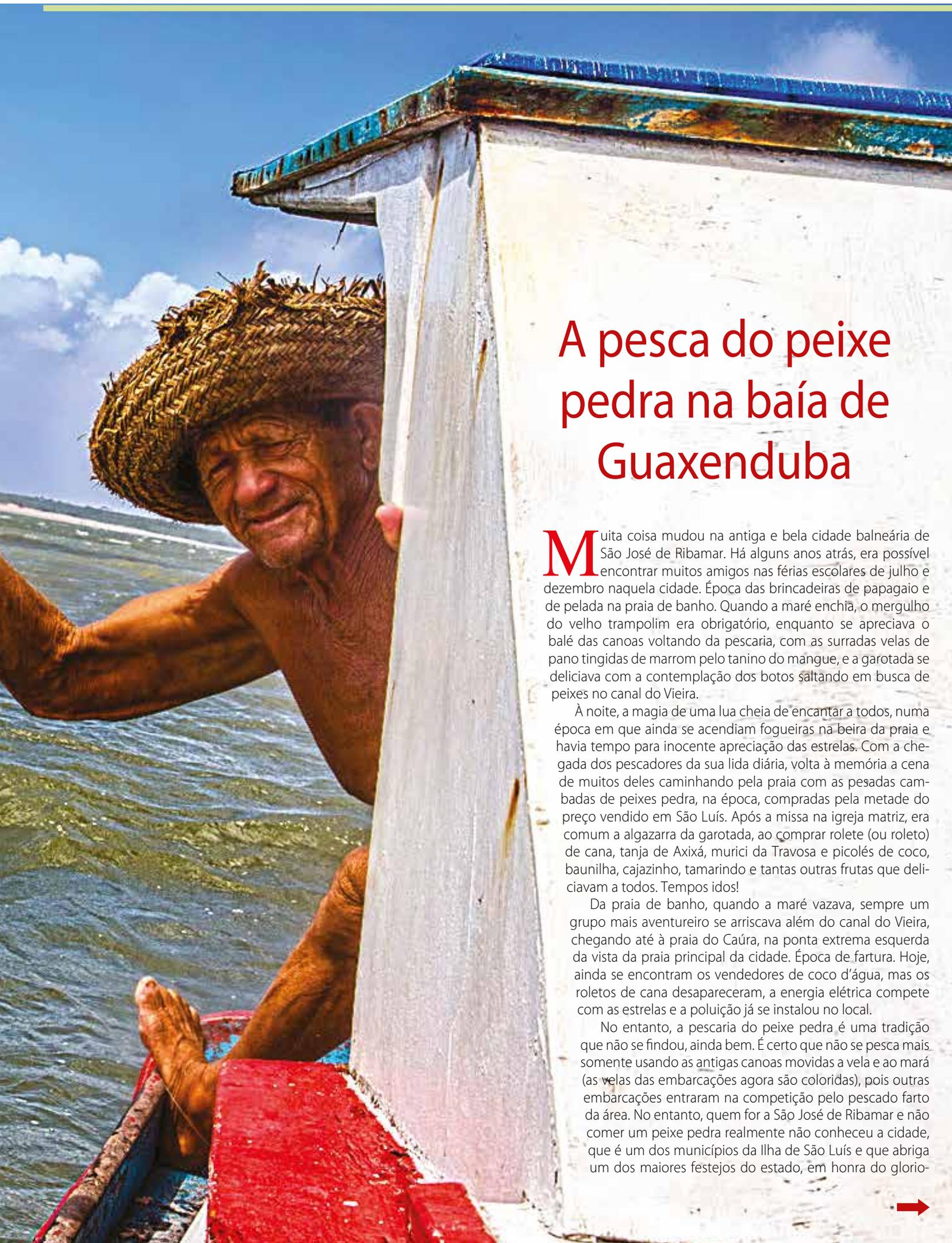
Um hotel completo

Por: Paulo Melo Sousa

Fotos: Evandro Martin



Embarcação Tô com Deus, do pescador Ceará, ancorado na praia de banho



A pesca do peixe pedra na baía de Guaxenduba

Muita coisa mudou na antiga e bela cidade balneária de São José de Ribamar. Há alguns anos atrás, era possível encontrar muitos amigos nas férias escolares de julho e dezembro naquela cidade. Época das brincadeiras de papagaio e de pelada na praia de banho. Quando a maré enchia, o mergulho do velho trampolim era obrigatório, enquanto se apreciava o balé das canoas voltando da pescaria, com as surradas velas de pano tingidas de marrom pelo tanino do manguê, e a garotada se deliciava com a contemplação dos botos saltando em busca de peixes no canal do Vieira.

À noite, a magia de uma lua cheia de encantar a todos, numa época em que ainda se acendiam fogueiras na beira da praia e havia tempo para inocente apreciação das estrelas. Com a chegada dos pescadores da sua lida diária, volta à memória a cena de muitos deles caminhando pela praia com as pesadas cambadas de peixes pedra, na época, compradas pela metade do preço vendido em São Luís. Após a missa na igreja matriz, era comum a algazarra da garotada, ao comprar rolete (ou rolete) de cana, tanja de Axixá, murici da Travosa e picolés de coco, baunilha, cajazinho, tamarindo e tantas outras frutas que deliciavam a todos. Tempos idos!

Da praia de banho, quando a maré vazava, sempre um grupo mais aventureiro se arriscava além do canal do Vieira, chegando até à praia do Caúra, na ponta extrema esquerda da vista da praia principal da cidade. Época de fartura. Hoje, ainda se encontram os vendedores de coco d'água, mas os roletos de cana desapareceram, a energia elétrica compete com as estrelas e a poluição já se instalou no local.

No entanto, a pescaria do peixe pedra é uma tradição que não se findou, ainda bem. É certo que não se pesca mais somente usando as antigas canoas movidas a vela e ao mará (as velas das embarcações agora são coloridas), pois outras embarcações entraram na competição pelo pescado farto da área. No entanto, quem for a São José de Ribamar e não comer um peixe pedra realmente não conheceu a cidade, que é um dos municípios da Ilha de São Luís e que abriga um dos maiores festejos do estado, em honra do glorio-





Curral de Peixe na praia do Caúra
- S. José de Ribamar



Fotos: Reginaldo Rodrigues / Evandro Martin

so santo padroeiro do Maranhão, e que batiza a cidade.

A pesca do peixe pedra é a predileta, e a mais tradicional dos pescadores locais. É feita com linha de nylon, anzol pequeno (número 14), e cada pescador já conhece muito bem os pesqueiros da área; para lá se dirigem diariamente, de acordo com a maré, e de acordo com a lua, pois em determinada fase da lua o peixe é encontrado em abundância, na maré de lançamento, dois a três dias depois de maré de quarto. Um dos pescadores mais conhecidos em São José de Ribamar é o Arcelino Meneses da Costa, o Ceará, velho conhecido e que mora na praia de banho desde o início da década de setenta.

Na verdade, Ceará é maranhense, natural de Araisos, município pesqueiro que fica às margens do Delta do Parnaíba. Saindo de sua terra natal, Ceará veio se estabelecer em São José de Ribamar. Como alguém da cidade o achou com cara de cearense, passou a chamá-lo de Ceará, e o apelido pegou. Homem duro, trabalhador, Ceará trouxe consigo a mulher e na cidade balneário criou através da pesca seus filhos e agora cuida de alguns netos. "Eu me agradei deste lugar, achei bonito, e peixe aqui nunca foi problema, já deu mais peixe por aqui, antes, havia menos gente pescando, mas mesmo assim aqui ainda temos muita fartura", diz Ceará.

Pele curtida pelo sol e pelo sal (é preciso se lavar o rosto com frequência durante a pescaria, pois o sal fica impregnado na pele em poucos minutos), ele é um exímio pescador, que usa as duas mãos e ainda os dedos dos pés para capturar

os peixes. A tática dá resultado, pois em poucas horas de pescaria ele consegue encher um balde grande com uma boa variedade de espécimes (além dos peixes pedra, o anzol trouxe pacus, pescadinhas, corvinas, tainhas e até uma moréia). No total, cerca de dez quilos de peixe. "Eu pesco para consumo próprio e para vender no bar que temos aqui na praia", informa Ceará.

O bar funciona na própria residência do pescador, que mantém sua embarcação em frente à sua casa, na praia de banho. Ali, com certeza, além da cerveja gelada, é servido o melhor peixe pedra frito de São José de Ribamar, acompanhado por arroz branco, vinagrete e farinha d'água, ou seja, a caráter. O prato serve bem a três pessoas, e sai a

um custo muito barato. Saindo da praia de banho, em embarcação motorizada, Ceará alcança o primeiro pesqueiro, ao largo da Ilha de Curupu, em mais ou menos uma hora de percurso.

Ali, dezenas de outros pescadores já se encontram na lida, e ninguém volta para casa de mãos abanando. Até amadores conseguem fisgar seus peixes, pois a abundância é notória. A antiga baía de Guaxenduba, como era chamada a baía de São José, continua piscosa, atraente e desafiadora, apresentando aos moradores e aos visitantes seu mais valioso cartão de visita, o famoso e delicioso peixe pedra, uma das mais valiosas pedras de toque da culinária maranhense.



Por: Paulo Melo Sousa

Dona Lina Preta: Mais de 100 anos de memória oral do Maranhão



Dona Lina da Silva, também conhecida como Lina Preta, tem 111 (cento e onze) anos de idade, nascida a 23 de setembro de 1902. Ela mora no Quilombo de Jacaraí dos Pretos, município de Icatu, interior do Maranhão.

Dona Lina é chefe da Tenda Espírita da Fé em Deus e, desde nova, está envolvida com a cultura afro-brasileira (Tambor de Mina, Umbanda, Cura, Tambor de Crioula, Bumba Meu Boi). Na comunidade na qual ela desenvolve sua expressão cultural, 70 pessoas participam diretamente

das festas do terreiro. Dentre eles destacam-se abatazeiros, serventes, mineiras e mineiros, afora a assistência que frequenta o terreiro de dona Lina.

Em razão da idade avançada, ela atualmente não dança em outros terreiros, mas participa das festas feitas no terreiro do seu filho, no dia 9 de janeiro e 24 de agosto. Ela, ainda, dança Tambor de Crioula em Jacaraí e em Crissanto, no domingo de aleluia. "O Pai de Santo que me acolheu e me encruzou para a Mina, Cura e Umbanda foi Gevais, da comunidade de Tamirim, que fica no

Município de Rosário. Tambor de Crioula aprendi com o pessoal de minha família, com meu avô Ezídio Santiago e minha avó Eugenia da Conceição (fundadores do Quilombo de São Benedito, município de Morros), meu pai Gregório da Conceição, minha mãe Balduino Paula da Silva e outros, e Bumba Meu Boi, aprendi aqui em Jacaraí dos Pretos, e no povoado de Quarteis, em Icatu", declara dona Lina Preta.

Dona Lina assumiu as funções de liderança comunitária e artística, que hoje desempenha, ainda bem jovem, segundo ela, desde 1911. Ela nasceu no Quilombo de São Benedito, município de Morros, e é medium de nascença, desde criança que recebia encantados, via e conversava com eles e eles se manifestavam nela. Ela diz que sofreu muito até aceitar a missão de ser curandeira, macumbeira, mineira, mas antes dos dez anos, conforme suas palavras, ela já recebia os encantados dela, Delarei Riá e Ana Roxa, e já fazia suas obrigações.

Dessa forma, são mais de 100 anos nessa vida. Depois, mais velha, ela brincou no Boi de Bernardo Alves, o Boi Prometido. "Brinquei Minagô, Pela Porco, Coco, Jornada de São Gonçalo, Carnaval; todas as culturas daqui, eu brinquei. Tambor de Crioula era uma das festas que eu mais gostava de participar, baiei tambor ao lado dos cantadores velhos de Icatu, Euzébio do Jatobá, Lino Gomes, Fastino Gomes, Zé Filomeno, cantei com eles todos e toquei meio. No Tambor de Crioula se me levarem eu ainda vou, porque depois da Mina é a festa que mais gosto", declara dona Lina Preta.

O barracão de dona Lina foi desativado, mas ela continua com seus trabalhos na tenda do seu filho, Zé de Lina. Ela mora sozinha, ao lado da casa de seu filho, e ainda faz a própria comida, cuida da casa, capina e varre o terreiro em frente ao seu barraco em Jacaraí dos Pretos. "Toda a minha vida fui mineira, brinquei Mina em toda a nossa região e preparei muitas mineiras e mineiros, e eles agora continuam esse trabalho, principalmente meu filho, José da Conceição Silva, mais conhecido como Zé de Lina", explica dona Lina Preta, que foi inscrita no "Prêmio Mestres das Culturas Populares 2012", e representa uma verdadeira memória viva da cultura popular maranhense.

Foto: Paulo Melo Sousa



EM SÃO LUÍS
ANDE CONOSCO!
(98)3246-1500

RESERVAS NACIONAIS: 0800 709 2535
Av. Daniel de La Touche - Cohama - São Luís/MA

YES[®]
aluguel de carros

PLANTÃO: 8115-1100

Site: www.yesrentacar.com.br
E-mail: saoluís@yesrentacar.com.br

Trabalhador da indústria de Coelho Neto venceu o 5º Festival Sesi Música

O técnico em segurança do trabalho Leonardo Jefferson Silva, da empresa Agroindustrial Mercantil Excelsior (Agrimex), de Coelho Neto, foi o grande vencedor da 5ª edição maranhense do Festival Sesi Música. A ação aconteceu no auditório Alberto Abdalla, localizado na Casa da Indústria Albano Franco, sede da Federação das Indústrias do Estado do Maranhão (Fiema).

O presidente da Fiema, Edilson Baldez das Neves, destacou que o festival foi criado como uma forma de reconhecer o talento do trabalhador da Indústria. "Todo mundo tem um talento que vai além da força de trabalho e iniciativas como o Festival Sesi música procura reconhecer isso e revelar estes talentos que estão ali, trabalhando no dia a dia para construir uma indústria maranhense forte e saudável", disse Baldez.

Para a superintendente do Sesi-MA, Roseli Ramos, o Festival Sesi Música é uma das estratégias adotadas pelo Sistema Fiema para incentivar a adoção do estilo de vida saudável entre os trabalhadores da indústria.

"O papel do festival é disseminar a cultura dentro das indústrias do Maranhão. É a nossa contribuição para a construção de uma indústria mais saudável e com acesso cada vez mais amplo ao que há de melhor na nossa cultura, como a música brasileira e revelar talentos dentro das empresas industriais", afirmou.

O Festival Sesi Música é promovido pelo Serviço Social da Indústria (Sesi) em todo o país.

O Sesi já está trabalhando para organizar a edição de 2014. E este ano o Festival Sesi Música terá novidades. Agora é só esperar a abertura das inscrições, que estão previstas para o segundo semestre, e soltar a voz.

O vencedor

Após uma maratona de oficinas e ensaios, Leonardo Jefferson Silva foi o escolhido pelo corpo de jurados do festival pela interpretação da música "Anjo", de autoria de Cláudio Rabello e Renato Corrêa, e que ficou famosa na interpretação do conjunto Roupas Nova. Ele concorreu na Categoria Industriário e ganhou troféu e o prêmio de R\$ 2 mil pelo 1º lugar.

Muito emocionado, o grande vencedor da noite, Leonardo Jefferson, disse que se esforçou muito para vencer o Festival e agradeceu a família, que estava na plateia, torcendo por ele. "Fiz uma preparação boa para esta ocasião. Esta foi uma grande oportunidade para mim", disse ao receber o prêmio.

A segunda colocação foi de Lamuel Kesley Sá Gomes, da empresa de Imperatriz Franco Engenharia. Ele ganhou troféu e R\$ 1,5 mil pela interpretação da música "O tempo", da Oficina G3. Esta é a segunda vez que Gomes leva o segundo lugar do Festival Sesi Música para casa: em 2012, ele também ganhou o 2º lugar, interpretando a música gospel Naves Imperiais.

Já em terceiro ficou o trabalhador da indústria Francisco Glaydson, da empresa de enge-



O presidente do Sindicato das Indústrias de Reparação de Automóveis e Acessórios (Sindirepa), Antônio Rosa, entregou o prêmio de melhor intérprete na categoria Industriário para Leonardo Jefferson Silva.

nharia Granville e Bazan Ltda., de Bacabal que interpretou o sucesso maranhense, "Ilha Magnética", composta pelo cantor e compositor César Nascimento. Ele recebeu troféu e o prêmio de R\$1 mil.

Festival

Em 2013, a 5ª edição do Festival Sesi Música reuniu 12 intérpretes – todos trabalhadores da indústria maranhense. Eles vieram de oito cidades maranhenses (Aldeias Altas, Bacabal, Caxias, Coelho Neto, Estreito, Imperatriz, São José de Ribamar e São Luís) e, como preparação para a finalíssima do festival, todos participaram de oficinas de canto e interpretação para compor os arranjos, junto com o diretor musical do Festival Marcus Lussaray, que foram apresentados na noite da entrega do prêmio.

Os 12 intérpretes classificados para participar do Festival Sesi Música passaram pela sabatina da comissão julgadora, formada pelo professor do Departamento de Artes da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Leônidas Portela; publicitário e ex-diretor da companhia de teatro maranhense Coteatro, Mariano Costa; músico profissional e especialista em gestão cultural, Mauro Travincas; músico, maestro, pianista e produtor musical, Renato Serra e o músico, arranjador e produtor musical, Antônio Paiva. Eles observaram os candidatos nos quesitos afinação, dicção, harmonia, postura e ritmo.

Esse mesmo time julgou os concorrentes na Categoria Colaborador, cujo prêmio foi arrebatado pela professora Carol Cunha, da escola Sesi

Anna Adelaide Belo, de São Luís. Dona de uma voz afinada, ela foi a primeira concorrente a subir ao palco e apresentou uma versão da música "Luar do Sertão", composta por João Pernambuco e Catulo da Paixão Cearense, que se tornou um clássico da música brasileira na voz do "Rei do Baião", Luiz Gonzaga.

Carol Cunha recebeu o prêmio das mãos do presidente da Fiema, Edilson Baldez das Neves, e já havia participado de outras edições do Festival Sesi Música: em 2012, a professora havia ficado com o terceiro lugar, ao interpretar "Proposta", do rei Roberto Carlos.

Em segundo lugar ficou o colaborador do Sesi de Bacabal, Vítor Emanuel, que cantou outro clássico do canção popular - "Xódo", de Dominginhos. O terceiro lugar também veio da escola Sesi Anna Adelaide Belo, de São Luís: Cláudia Garcês, que cantou "Maria, Maria", de Milton Nascimento.

Incentivo

Após as apresentações dos trabalhadores da indústria, enquanto os jurados totalizavam as notas obtidas pelos participantes em suas apresentações, o público pode conferir o show da cantora Mayara Prado, ex-participante do programa The Voice Brasil.

Na ocasião, a cantora afirmou que festivais como o que foi promovido pelo Sesi-MA, são importantes para revelar novos talentos musicais. "Eu mesma sou um exemplo. Comecei em festivais como este", afirmou Mayara Prado.



Foto: Divulgação

O universo mágico da **Ilha de Lençóis**

Quando se chega à Ilha de Lençóis, localizada no litoral de Cururupu, região das Reentrâncias Maranhenses, a 160 km a oeste de São Luís, alguma coisa muda no ânimo de qualquer criatura. O Maranhão é considerado um estado no qual grassa a pobreza, e uma política perversa, que sobrevive há décadas, condena o povo a uma situação de submissão econômica escorchante e a um estado de espírito no qual a esperança é uma palavra que não costuma visitar os lábios dos menos favorecidos.

No entanto, em Lençóis, podemos encontrar pessoas humildes, sem muitos recursos, mas, ali não existem mendigos. Alguns destrambelhados, como em qualquer outro local, também ali podem ser identificados. Contudo, o peixe está bem ali, às margens do Porto do Agrado e, quando alguém é atingido pelo panema, a solidariedade se faz presente, e ninguém passa necessidade.

Lençóis é um paraíso ecológico, no qual a presença da magia como que está impregnada no local, marcando os domínios da encantaria. Ali, diz a lenda, existe o reino encantado de D. Sebastião, e a grande quantidade de albinos que habita a ilha confere à ilha mais um atrativo no qual o exotismo instaura seu domínio.

Num passeio rápido pela ilha, facilmente se

alcança uma morraria (duna) conhecida como Estrondo, pelo fato de ali se ouvir estrondos, vozes, alaridos de galos cantando fora de hora, e até um cheiro intenso de café, dentre outras manifestações que atestariam a presença encantada do reino do lendário D. Sebastião, que habitaria o fundo da ilha e suas circunvizinhanças. Lendas à parte, do alto da morraria a paisagem da ilha se descortina de forma exuberante. Em noites de lua cheia, caso o vivente não se impressione com a lenda, que diz que um touro encantado corre pelas dunas soltando chispas de fogo pelas narinas, à noite, então, basta acender uma fogueira e apreciar a delícia da brisa no topo de alguma morraria.

Uma curiosidade confere um atrativo maior ao local, a grande concentração de albinos que ainda mora na ilha. Batizados de Filhos da Lua, devido a uma reportagem publicada em 1980 pela revista Manchete, os albinos, que já marcaram a maior concentração deles no planeta, hoje estão ali em menor número, devido às agruras do sol, que castiga a pele desses moradores, tidos como filhos de D. Sebastião. O fenômeno da grande concentração de albinos no local pode, talvez, ser explicada pelo fato de que a primeira moradora do lugar, dona Sebastiana Silva, ter sido descendente de portugueses. Ela teria tido um casamento consanguíneo, entre primos, o

que teria ocasionado o surgimento de albinos a cada geração.

Lendas ou explicações científicas à parte, o fato é que a ilha continua excitando a imaginação de todos que nela vivem ou que possuem o merecimento de conhecê-la. De qualquer forma, o tempo inteiro se percebe ou se sente a presença da magia no lugar, a proximidade de todos com o mito, misturado com a realidade, nos quais se destacam as experiências com vidências, tantos dos vivos quanto dos antepassados dos atuais habitantes de Lençóis.

Chegar à ilha é uma grande aventura, na qual se viaja de *Ferry Boat*, veículos motorizados e embarcações, bianas ou catamarãs que partem do porto do município de Apicum-Açu e, finalmente, alcançam a ilha, depois de um dia de viagem por terra e mar. Todo esse sacrifício vale a pena. A hospedagem agradável e barata é na casa de seu Hélio, que funciona como pousada e que oferece peixe fresco e camarões graúdos a preços honestos. Passeios pelo local são fáceis de serem combinados com os nativos, como a trilha pelo entorno da ilha ou pela Ponta da Aliança. Lençóis é pura magia e vale qualquer esforço por parte de quem possui espírito de aventura e desprendimento para apreciar uma beleza natural quase intocada e ainda sem grandes danos ambientais.



O MOCHILEIRO
Por Reginaldo Rodrigues
Jornalista e Turismólogo
reginaldorodrigues2010@hotmail.com

Fotos: Paulo Melo Sousa



Curitiba: Cidade ecologicamente correta

Curitiba é uma cidade atípica, sob o ponto de vista climático. É possível, sobretudo para os desavisados, estranhar o fato de ter que conviver com temperaturas das quatro estações do ano ao longo de um só dia. O sol matutino pode ser substituído por um frio inesperado e raivoso ao final da tarde, alteração motivada, em boa parte, pela posição geográfica da capital paranaense, situada a 934 metros de altitude, no primeiro planalto paranaense, e a 110 km do mar. Contudo, tudo é uma questão de tempo para que se possa adaptar a essas bruscas mudanças de humor do clima, nas quais se experimenta mudanças diárias de temperatura, que podem oscilar dos sete aos trinta graus.

Contando com 1,8 milhão de habitantes, Curitiba é a oitava cidade mais populosa do Brasil, a mais rica do sul brasileiro e a quarta, a nível nacional. Foi fundada em 1693, tendo como base um modesto povoado bandeirante, tendo se tornado importante entreposto comercial a partir da abertura de uma estrada tropeira entre Sorocaba e Viamão. Em 1853 se tornou a capital da então província do Paraná e se crescimento

urbano foi se intensificando cada vez mais, sofrendo um forte incremento com a chegada de imigrantes europeus (alemães, poloneses, ucranianos e italianos) no século XIX, o que favoreceu a diversidade cultural que se observa com facilidade na cidade.

Curitiba é referência internacional em se tratando de inovações urbanísticas e preocupações ambientais. Conjugando tais aspectos, a cidade conseguiu equacionar os problemas ligados à mobilidade urbana, com a introdução de um sistema de transporte público de primeira qualidade. A Rede Integrada de Transportes (RIT) é uma operação feita por 28 empresas privadas gerenciadas pela Urbanização de Curitiba S.A. – URBS. O sistema se caracteriza por ser alimentado apenas por ônibus, denominado de Tronco-Alimentador. São 465 linhas urbanas e metropolitanas, somando 24 mil viagens diárias.

Dessa forma, com corredores somente para ônibus, não existem engarrafamentos e a espera dos usuários, nas paradas, não ultrapassa dez minutos. Os pontos de ônibus possuem design moderno, adaptados ao clima e à paisagem ur-

bana, que é magnificamente arborizada. A capital do Paraná ostenta índices impressionantes com relação à educação, apresentando o menor índice de analfabetismo e a melhor qualidade na educação básica entre as capitais brasileiras, estando colocada entre as cinquenta cidades de maior influência global. Surpreende, contudo, a colocação em sexto lugar entre as capitais mais violentas do Brasil.

Ecologicamente sustentável, com sistema competente de reciclagem de lixo, a cidade sabe conjugar qualidade de vida e vitalidade econômica, o que a colocou no patamar de cidade global gama por parte do Globalization and World Cities Study Group & Network. Para que se tenha uma dimensão do que isso significa, na prática, basta que se visite uma das áreas mais badaladas da cidade, o Parque Barigui (na foto acima), no qual se vê uma multidão de pessoas pedalando, caminhando, correndo, ou simplesmente passeando com seus animais de estimação numa área verdejante e muito bela, o que proporciona saúde para o corpo e alimento constante para a alma.

SEMINOVOS
INTEIRAÇOS

Entrada Parcelada
Garantia de Mecânica

seminovos
Duvel
O seu caminho é VOCÊ quem faz!

CALHAU - 3216 3100 • ANGELIM - 2108 3900 • CENTRO - 2108 3144



Foto: Internet

O Maranhão ainda pode lucrar com o turismo na Copa do Mundo

O certo é que ficamos de fora da Copa do Mundo de 2014, embora tenhamos um estádio de futebol em condições de abrigar um evento dessa envergadura, caso o estado tivesse se programado para investir no esporte e feito as devidas reformas no Castelão que, infelizmente, continua sendo subutilizado. Uma cidade que sedia jogos de uma copa ou competições de uma olimpíada se transforma, recebe injeção de verbas federais, lucra com o evento e realiza benefícios que irão favorecer a sua população. São Luís ficou de fora da Copa, infelizmente.

No entanto, já que não adianta chorar sobre o caldo derramado, e sabendo de que quem vive de passado é museu, seria importante, pelo menos, pensar como é que o Maranhão poderia ainda atrair os turistas, sobretudo os estrangeiros, que se deslocarão em grande número para assistir aos jogos que serão realizados em nosso país, durante a Copa de 2014.

Temos um grande atrativo, São Luís, que ostenta o glamoroso título de cidade patrimônio da humanidade. Esse diferencial, por si só, já é capaz de atrair a atenção dos turistas e ativar a imaginação até dos menos curiosos. Basta que se divulgue a cidade e seus grandes potenciais,

dentre os quais se destacam, além do invejável acervo arquitetônico, a gastronomia e a cultura, pratos permanentes e sempre aptos a servir aos mais rigorosos paladares.

Pode-se facilmente somar a isso os Lençóis Maranhenses e as belezas naturais que o Parque Nacional apresenta, um atrativo único, diferenciado, que é fonte inesgotável de beleza e lazer, garantidos pela presença de uma natureza quase intocada e que alavanca o turismo ecológico de forma exponencial no Maranhão.

Como a atração desse turista deve levar em conta que o mesmo já gastará as sobras do investimento feito na Copa, o pacote que poderá ser oferecido, levando-se em conta tal realidade, deverá ser compactado, e Alcântara, mesmo no batido vai e volta, com o turista, na verdade, inserido na categoria de excursionista, já que não pernoita no local, ainda pode ser uma opção viável e que não pode ser descartada. A velha cidade só precisa de um trabalho receptivo de melhor qualidade, com reciclagem dos guias, melhoria na oferta de serviço de restaurantes e bares, segurança e acessibilidade.

Pegando carona

Dessa forma, seria possível ao Maranhão lu-

crar com esse grande evento que o país receberá em breve. O Ceará já está praticamente pronto para a realização da Copa do Mundo de 2014, e o estado foi o primeiro a entregar as obras de estádios para a Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014. Fortaleza receberá nove empreendimentos em sua preparação para a Copa, totalizando R\$ 1,579 bilhão. Serão seis obras de mobilidade urbana: quatro Bus Rapid Transit (BRTs), uma de Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) e uma de metrô, com investimento total de R\$ 562 milhões, sendo R\$ 410 milhões financiamento federal. A linha de VLT Parangaba Mucuripe fará a ligação entre o setor hoteleiro da orla marítima e o centro de Fortaleza.

Como se percebe, o Ceará mostra ao país a capacidade de os cearenses investirem de forma competente em eventos que podem render muitos frutos no setor turístico, exemplo que deveria ser seguido pelo Maranhão, que ficou de fora da Copa. No entanto, ainda é possível recuperar o tempo perdido e realizar promoções que consigam atrair os milhares de turistas que se deslocarão para o Ceará, e que poderiam dar uma "esticadinha" em território maranhense, através de propaganda e oferta de pacotes por agências locais.

Por: Paulo Melo Sousa

Fotos: Internet



Quilombolas rurais: o rico patrimônio das comunidades tradicionais

A Constituição brasileira de 1988 reservou aos quilombolas rurais muitos direitos. No entanto, desde então, a garantia desses direitos luta para sair das belas palavras do texto constitucional e ganhar a titulação dos territórios de centenas de comunidades de remanescentes negros. No Maranhão, existe um dos maiores contingentes de quilombolas de todo o país, e Alcântara é o município que pode ser considerado território étnico em razão da grande quantidade de terras de negro.

O livro *Os Quilombolas e a Base de Lançamento de Foguetes de Alcântara*, do antropólogo Alfredo Wagner de Almeida, registra a situação das comunidades quilombolas do município. O livro é um importantíssimo laudo antropológico. "Este trabalho representa uma peça jurídica que considera os direitos das comunidades remanescentes de quilombos à terra na região de Alcântara. Na verdade, as terras já estavam sob

o controle das famílias quilombolas, que produziam seu sustento de forma autônoma, o que, até hoje, caracteriza as comunidades tradicionais. Da desagregação das fazendas de algodão e de cana-de-açúcar emergiram essas comunidades", explica Alfredo Wagner.

Os jesuítas foram expulsos de Alcântara em 1760, e os quilombolas mantiveram, desde aquela época, autonomia e independência em seus territórios. São mais de 250 anos de luta e o ideal de liberdade dessas populações se mantém firme, mesmo diante das investidas de abusivo racismo, do preconceito e do deslocamento forçado a que foram submetidas dezenas de comunidades quilombolas pelo Centro de Lançamento de Alcântara.

O Maranhão foi o segundo estado do país a receber o maior contingente de negros escravizados. Em Alcântara, a quantidade foi muito grande, de tal forma que o município,

atualmente, em quase sua totalidade, é considerado território étnico. Na época da escravidão, o município produzia algodão e os engenhos de cana-de-açúcar se multiplicavam, enriquecendo barões e dando sustentação ao desenvolvimento da aristocracia rural.

Com o advento da abolição, muitos latifundiários abandonaram suas propriedades. Os territórios étnicos foram surgindo a partir das terras já ocupadas por negros que se rebelaram contra os senhores de engenho e criaram núcleos habitacionais nas matas (quilombos), de doações de terras por meio da desagregação de lavouras de monoculturas, pela compra de terras pelos próprios escravos alforriados ou já libertos, pela doação de áreas pela Igreja católica, e por terras que foram dadas aos negros em retribuição aos serviços que prestaram em guerras.

Os quilombolas mantiveram seus saberes ao longo de séculos. Na lida com a terra existe o



cultivo da mandioca, que produz a farinha, a moeda do lavrador maranhense, sobretudo nessas comunidades. Através da venda ou da troca da farinha, os quilombolas compram ou adquirem suprimentos que não produzem, tais como o café, o açúcar, o leite, o macarrão, o pão, dentre outros. Através do extrativismo produzem o azeite de babaçu, o óleo de mamona (carrapato), a juçara, o vinho e o doce de buriti, o artesanato à base de sementes, palha e de fibras. Destaca-se também o adobe para a construção de casas, a cerâmica, sobretudo no povoado de Itamatatuiá, e ainda a pesca artesanal.

Todo esse potencial caracteriza um rico patrimônio cultural imaterial presente nas comunidades quilombolas rurais do Maranhão. A maior parte dessas técnicas de fabricação artesanal e de cultivo da terra foram herdadas a partir da cultura que os negros trouxeram da Mãe África, e que foram se multiplicando ao longo dos séculos, contribuindo de forma seminal para a nossa identidade, marcada pela já tão decantada diversidade.



CADASTRO INDUSTRIAL DO MARANHÃO

Cadastre ou atualize gratuitamente sua empresa até **31/01/14** pelo site **www.fiema.org.br** e ganhe mais visibilidade para novos negócios!





Ócio, Viagens e Gastronomia

Por **Beatrice Borges**
Turismóloga/Coordenadora da ABAV Nacional
www.ocioviagensgastronomia.com

Aniversários de criança



Fotos: Internet

Nasci no dia 1º de janeiro, uma data festiva por natureza!

Tirando o fato de ter feito minha mãezinha ficar com dor em pleno Réveillon, nos anos seguintes meus aniversários foram só alegria.

Meia noite e um minuto do Réveillon já é meu aniversário e começo a comemorar junto com os fogos da virada do ano. Estouro champagne, espumante, cidra, cerveja (a bebida que tiver na ocasião) e saio abraçando todo mundo desejando um ano frutífero e recebendo as energias que todos desejam nessa época.

Se pensarmos somente na festa, a data não poderia ser mais emblemática. O mundo inteiro está comemorando a virada do ano e recebemos uma carga extra de energia para podermos seguir por mais uma etapa. É um período muito especial para todos nós.

Aí você deve estar pensando "Que lindo!", "Que maravilha!" e eu falo para você: não, não é assim tão lindo. Há um detalhe superimportante nisso tudo: eu nunca tive um aniversário

de criança na vida! Você pensa que é fácil? Que tudo são flores? Não! Não sei como não fiquei uma pessoa revoltada, com desvio de comportamento ao longo desses anos.

Explico: a minha família gosta de farras. E são farras que obedecem a um formato único e muito próprio.

São festas regadas a muita cerveja, cantorias e instrumentos musicais. Esses instrumentos variam de acordo com a quantidade de convidados, já que cada um tem um dom, mas em geral sempre tem violão, pandeiro, cabaça, já houve tempo em que tinha obrigatoriamente cavaquinho, saxofone, trombone, além das caixas de fôforo, abridores de cerveja batendo em garrafas e o bатуque feito com as mãos em baldes ou mesmo na mesa. A habilidade de cada membro da família com determinado instrumento fazia com que fossem sempre os mesmos convidados e as festas ficassem cada vez mais ensaiadas.

Além dos instrumentos musicais, as mulheres da minha família têm vozes muito bonitas e afinadas. A minha mãe, por exemplo, tem um

tom super alto que encanta quem a ouve. De quando em vez, é chamada de Marrom, só pra fazer um comparativo! A minha avó sempre teve voz boa, minhas tias também cantam muito bem. As ovelhas negras nesse quesito, bem, são eu e a minha Tia Leila, que em troca de afinamento e voz bonita, ganhamos formosura (que as outras tias não leiam esse texto!).

A minha mãe é a pessoa que mais gosta de festa nesse planeta. Tem uma energia incrível e por conta dessa característica, sempre fez dos meus aniversários, festas dela.

Eu nunca tive um aniversário com balões, língua de sogra ou chapeuzinhos coloridos. Nunca tive enfeites de bichinhos nas paredes. Nunca tive uma festinha de aniversário com trilha sonora da Xuxa, do Balão Mágico ou do Trem da Alegria!

As minhas festinhas sempre tiveram uma cara diferente. A minha trilha sonora sempre foi embalada pela voz da minha mãe cantando Ângela Maria, Altemar Dutra, Nelson Gonçalves ou Núbia Lafayette. Ao invés de servirmos bolo com brigadeiros e beijinhos, nas minhas festinhas distribuíamos pratos de mocotó, feijoada e comidas de gente grande.

As festinhas do dia 1º de janeiro nunca começaram às 19h, como em festinhas infantis, e sim ao amanhecer do dia, aproveitando a volta pra casa das festas de Réveillon.

As festas em que comemorei meus aniversários ao longo da vida tinham uma informalidade característica da minha casa. Todos podiam entrar. Sempre tinha vaquinha para renovar o estoque de cerveja, sempre dava pra por mais água no feijão e sempre dava certo no final.

Ainda bem que ao invés de ficar revoltada, fiquei amante de músicas antigas, fiquei fã de instrumentos de sopro, fiquei apaixonada pela família e fui cativando muitos e muitos amigos.

Ah, e a minha mãe, continua adorando festinhas em casa. Ainda com cantoria, instrumentos musicais e muita cerveja!

O conhecimento sem limites.

Matriculas Abertas

Educação infantil
Ensino fundamental
Ensino médio

Colégio BATISTA
Daniel de La Touche

João Paulo 98 3131 1411 Renascença 98 3227 2684